

SABERES E CONTRADIÇÕES DO EXTRATIVISMO DA PESCA NA RESERVA EXTRATIVISTA RIO XINGU, TERRA DO MEIO, PARÁ

Roberta Rowsy Amorim de Castro¹; Ricardo Eduardo de Freitas Maia²

¹Eng^a Agrônoma, Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável; Assessora Territorial de Inclusão Produtiva do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial – NEDET Transamazônica. E-mail: roberta_rowsy@hotmail.com; Eng. Agrônomo, Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi analisar como se dá a prática da atividade pesqueira na Reserva Extrativista Rio Xingu, destacando os conhecimentos tradicionais da população local na realização dessa atividade e sua relação com o comércio. A pesquisa foi realizada junto a quatro comunidades da RESEX Rio Xingu, Terra do Meio, Pará. Foram feitas 23 entrevistas semiestruturadas, observação direta, observação participante e acompanhamento das famílias na realização da atividade pesqueira. Na RESEX Rio Xingu a pesca é praticada por homens, mulheres e crianças e é de suma importância para a manutenção dos modos de vida das populações locais, que a utilizam como meio de subsistência e obtenção de renda através da comercialização. Característica desta atividade é o saber fazer adquirido empiricamente e perpetuado por gerações. A relação que os moradores mantêm com regatões, é de reciprocidade e ao mesmo tempo permeada por contradições, sendo o regatão visto como uma figura necessária à manutenção das mesmas e de seus costumes, atuando como intermediário na aquisição de recursos monetários.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade Pesqueira; Conhecimentos Tradicionais; RESEX Rio Xingu.

ABSTRACT

The objective of the research was to analyze how is the practice of fishing activity in the Extractive Reserve Xingu River, highlighting the traditional knowledge of local people in carrying out this activity and its relation to trade. The research was conducted with four communities of RESEX Xingu River, *Terra do Meio, Pará*. We made 23 semi-structured interviews, direct observation, interactive observation and attendance of the families in fishing activities. In RESEX Xingu River fishing is practiced by men, women and children is of paramount importance to maintain the livelihoods of local populations, that are used as livelihoods and obtain of income through commercialization. Characteristic of this activity is the know-how acquired empirically and perpetuated for generations. The relationship that residents have with *regatões* is reciprocity and at the same time permeated by contradictions, and the *regatão* seen as a figure required to maintain them and their customs, acting as an intermediary in the acquisition of monetary resources.

KEY-WORDS: Fishing activity; Traditional Knowledge; RESEX Xingu River.

INTRODUÇÃO

As atividades de subsistência realizadas por comunidades tradicionais são fortemente associadas aos recursos naturais. Witkoski (2010, p. 190), destaca que “a terra, a floresta e a água participam de modo decisivo da forma como esses agentes sociais procuram dar plenitude à vida”. A realização dessas atividades está fortemente relacionada aos saberes que os indivíduos têm sobre os ciclos reprodutivos de espécies animais e vegetais (CASTRO, 1997), e também sobre a sazonalidade, o período climático e as necessidades de suas famílias.

Dentre as atividades historicamente praticadas por diversos grupos de populações tradicionais encontra-se a pesca que, aliada aos conhecimentos destas populações, auxilia fortemente na manutenção dos seus modos de vida. Diante disso, esta pesquisa objetivou analisar como se dá a prática da atividade pesqueira na Reserva Extrativista Rio Xingu, destacando os conhecimentos tradicionais da população local na realização dessa atividade e sua relação com o comércio, que é viabilizado pelos regatões¹.

METODOLOGIA

Locus de pesquisa

Esta pesquisa é parte da dissertação de Castro (2013) e foi realizada em quatro comunidades da RESEX Rio Xingu, sendo elas: Baliza, Pedra Preta, Morro Grande e Morro do Félix. A RESEX Rio Xingu está localizada no município de Altamira, estado do Pará, fazendo parte do Mosaico de Unidades de Conservação da Terra do Meio. A mesma possui uma área de, aproximadamente, 303.841 hectares, limitando-se ao norte com a Estação Ecológica - ESEC da Terra do Meio, ao sul com o Parque Nacional - PARNA Serra do Pardo, a oeste novamente com a ESEC e o PARNA e a leste com as Terras Indígenas - TI Apyterewa e Araweté do Igarapé Ipixuna (BRASIL, 2012).

Método, técnicas e amostra

O método baseou-se no princípio da saturação teórica onde foram incluídos na pesquisa a quantidade de informantes necessários até que ocorresse a saturação e nenhuma categoria nova ou relevante aparecesse (BARTALOTTI et al., 2008). As técnicas de coletas de dados foram entrevistas semiestruturadas, realizadas nos meses de junho e julho de 2012, com 23 famílias, das 44 que residem nas comunidades. Utilizou-se também de observação direta, observação participante, além do acompanhamento das famílias na realização da atividade pesqueira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesca é a principal atividade de subsistência local, sendo realizada durante todo o ano por 100% das famílias ribeirinhas para garantir o consumo nutricional (proteína animal) diário. Para cerca de 78% dessas famílias, a pesca é o principal meio de obtenção de receita, através da venda para regatões.

¹ O regatão é um comerciante ambulante que viaja entre as cidades e comunidades do rio, comercializando mercadorias em troca de produtos regionais agrícolas e extrativistas. Na Amazônia, o regatão tem uma história controversa, visto por um lado como um herói pioneiro, trazendo a civilização para populações isoladas, e por outro lado, como um atravessador, explorando os pobres produtores e roubando comerciantes locais em seus negócios (McGRATH, 1999).

Na atividade pesqueira todos os membros das unidades familiares se envolvem, o que corrobora com Santos e Santos (2005) que relatam que a pesca de subsistência é uma atividade expressiva culturalmente, por ser praticada por pessoas de diferentes gêneros e faixas etárias. Essa assertiva se confirmou durante a pesquisa, onde foi possível visualizar famílias inteiras saindo para pescar em lagos de pesca ou em áreas fora do entorno da RESEX, inclusive, pernoitando em praias, chamadas de “rancho”, isto é, os mesmos se “arranchavam” próximo aos locais de pesca, utilizando também o período noturno para realização da atividade, visto que algumas espécies são mais fáceis de capturar neste turno.

As crianças, ainda bem pequenas, são incentivadas a aprenderem a pescar e algumas delas passam a comercializar pequenas quantidades com os regatões, dessa forma, usam o saldo² para realização de trocas ou compra de guloseimas.

Por ser uma atividade que demanda muito tempo e paciência, as famílias ou saem de suas casas e se deslocam para os locais de pesca bem cedo, antes do nascer do sol ou ao entardecer. Neste último caso, costumam pernoitar. No primeiro, podem permanecer pescando por até 14h, e muitas vezes, passam o dia se alimentando apenas de farinha e água (chibé) e ao retornarem, cozinham ou fritam alguns peixes para a janta. Nesse processo, o deslocamento das famílias até os locais de pesca é facilitado pelos conhecimentos empíricos que estas possuem sobre hábitos de determinadas espécies, o que permite que as mesmas saibam onde se localizam as áreas mais propícias a pesca. Para Furtado (1993), esse conhecimento é caracterizado como saber nativo, sendo passado de geração a geração e compreende formas de detecção e definição de cardumes, escolha e localização dos pontos propícios à pesca, as condições de acesso a estes locais, bem como os códigos e normas que orientam o uso dos territórios e seus recursos de acordo com as diversas estações do ano. Este saber tradicional inclui ainda intuição, percepções, vivência e tradição oral (CARVALHO JÚNIOR et al., 2011).

Sobre estas características, Ramos et al. (2000), em estudo sobre o etnoconhecimento de pescadores na Amazônia Central, identificou que, empiricamente, estes desenvolveram um sistema complexo de classificação sobre a ictiofauna local que serve como base para orientação para uso de estratégias da captura do pescado, uma vez que, através da prática sazonal da atividade pesqueira, os pescadores adquiriram conhecimentos que lhes permite identificar informações sobre o comportamento dos peixes, sua reprodução, alimentação, migração, além da capacidade de precisão quanto às espécies mais frequentes na região em que habitam.

² O saldo é o valor que “sobra” nas mãos do regatão, mas que é de “posse” legítima do ribeirinho após a compra de produtos ou a venda/troca por peixe, ou seja, é uma espécie de troco que o ribeirinho tem direito e que pode ser pago pelo regatão no momento da negociação ou ser utilizado para compra imediata de novos produtos ou pode ser somado aos próximos saldos.

Em relação aos apetrechos utilizados na atividade pesqueira pelas famílias locais, destacam-se o anzol e a linha de mão, que são chamados pelos mesmos de “tela” e, esporadicamente, também malhadeiras e espinhel.

As famílias que têm sua subsistência baseada na pesca recebem dos regatões uma caixa de isopor com barras de gelo para que os peixes capturados sejam armazenados, conservados e transportados de volta à cidade para a revenda. Esse sistema, em que o regatão leva da cidade até a RESEX caixas de isopor com barras de gelo, foi instituído há muito tempo, a partir de acordos verbais entre os moradores e os regatões. Este acordo visa benefícios para ambos os lados, pois a inexistência de energia elétrica pública nas casas da RESEX impede que as famílias tenham meios de conservar o pescado. Assim, ao levar o gelo, o regatão garante o peixe para o repasse aos distribuidores de Altamira e São Félix do Xingu (cidades nas quais comercializam) e os ribeirinhos garantem a receita proveniente da quantidade pescada, gerando ganhos financeiros para ambas as partes.

Mesmo pescando uma diversidade de espécies, os ribeirinhos comercializam apenas algumas delas, pois o que prevalece é a demanda estabelecida pelos regatões. Desse modo, as espécies mais procuradas são: tucunaré (*Cichla* sp.), pacu (*Piaractus* sp.), surubim (*Pseudoplatystoma* sp.) e pescada (*Plagioscion* sp.), considerados peixes de “primeira”. Em menor escala estão matrinchã (*Brycon* sp.) e fidalgo (*Ageneiosus* sp.). Entretanto, quando fornecem para regatões que vendem em São Félix do Xingu, além das espécies já mencionadas, os mesmos comercializam também: cachorra (*Hydrolycus* sp.), trairão (*Hoplias* sp.), piranha (*Pygocentrus* sp.) e pirarara (*Phractocephalus* sp.), também chamados de “peixes fera”, considerados de “segunda”. O valor do quilo é considerado pelas famílias muito baixo, tanto para os peixes “de primeira”, cujo valor pago pelos regatões, por quilo, não chega a R\$4,00 (varia entre R\$3,00 e R\$3,50, dependendo da espécie), quanto para os peixes “de segunda”, cujo valor/kg varia entre R\$1,00 e R\$1,50.

Os valores pagos pelos regatões, bem como o trabalho árduo, são fontes de muitas reclamações por parte dos ribeirinhos. Os mesmos relatam que por ser uma atividade praticada por todas as famílias da RESEX, tanto para subsistência (100%), quanto para venda (78%), os peixes estão diminuindo, pois dependendo das necessidades financeiras das mesmas, estas passam a pescar em maior quantidade, o que gradativamente está prejudicando a atividade em função da menor quantidade de pescado disponível, demandando mais trabalho e tempo em busca de locais propícios à captura, segundo informações obtidas com os ribeirinhos pescadores.

CONCLUSÕES

Na RESEX Rio Xingu, a pesca atua fortemente na subsistência e manutenção dos modos de vida das populações locais, através da alimentação e do comércio, sendo o conhecimento transmitido através das gerações. Apesar de ser uma atividade de suma importância, a única maneira que a população local tem de comercializar o pescado é através dos regatões, sendo essa uma relação de reciprocidade, em que ambos ganham financeiramente. Entretanto, nessa relação há contradições, pois as famílias acreditam que o preço do pescado é muito baixo, devido o tempo e a penosidade para realização da atividade serem grandes. Contudo, salienta-se que as famílias, pela dificuldade de acesso as zonas urbanas das cidades, não tem outra forma de comercializar, sendo o regatão visto como uma figura necessária à manutenção das mesmas e de seus costumes, sendo também um instrumento viabilizador de renda.

LITERATURA CITADA

BARTALOTTI, C. C. et al. O. Concepções de profissionais de educação e saúde sobre Educação Inclusiva: reflexões para uma prática transformadora. **O mundo da saúde**, São Paulo, v.2, n.32, p. 124-130, abr./jun. 2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de Manejo da Reserva Extrativista Rio Xingu**, 163 p. 2012. Aprovado pela Portaria Nº 62, de 18 de maio de 2012 e publicado no Diário Oficial da União de 21 de maio de 2012, seção 1, p. 120.

CARVALHO JÚNIOR, J. R. et al. O conhecimento etnoecológico dos pescadores yudjá, Terra Indígena Paquichamba, Volta Grande do Rio Xingu, PA. **Tellus**, Campo Grande – MS, ano 11, n. 21, p. 123-147, jul./dez. 2011.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.). **Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup: UFPA-NAEA, 1997. p. 221-242.

CASTRO, R. R. A. **Comunidades tradicionais e Unidades de Conservação no Pará: a influência da criação da Reserva Extrativista Rio Xingu – Terra do Meio, nos modos de vida das famílias locais**. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável). Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

McGRATH, D. Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. **Novos Cadernos NAEA**, Belém – PA, v. 2, n. 2, p. 57-72, 1999.

RAMOS, P. M. S. et al. Etnoconhecimento de pescadores na Amazônia Central: estudo de três comunidades nos lagos Grande e São Lourenço, Manacapuru (AM). **Somanlu**, Manaus - AM, v. 2, p. 131-148, 2007.

SANTOS, G. M; SANTOS, A. C. M. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n.54, p. 165-182, 2005.

WITKOSKI, A. C. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. 2. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2010. 484 p.